

Pressão sobre o real continua

CRISTINA BORGES

A pressão sobre o real continua forte. No início da manhã de ontem, a cotação da moeda americana no mercado brasileiro já alcançava R\$ 1,95, anunciando mais um dia de muita tensão. O câmbio só começou a ceder depois que o Banco Central entrou atuando no mercado de juros. O BC surpreendeu o mercado antes da abertura dos negócios ao tomar dinheiro a 34%, aumentando a taxa over (Selic) de 32,5%, que vigorou nos últimos dias. Pouco depois, em nova intervenção, o BC pedia taxas e dinheiro para hoje, resultando num novo aumento para 35,5%.

A atuação do BC nos juros fez com que as cotações do dólar recuassem, acalmando um pouco o mercado de câmbio. O dólar encerrou ontem a R\$ 1,88, com a ligeira elevação de 0,61%, conforme a taxa média apurada pela Andima. A fuga de dólares continuou, só que mais branda. Ontem, até as 19h30, o fluxo estava negativo em US\$ 217 milhões.

Também contribuiu para trazer um pouco de tranquilidade a revisão em US\$ 200 milhões na saída de dólares da terça-feira. O BC informou que houve um erro de comando que inverteu uma operação de venda em compra, no valor de US\$ 100 milhões. Com isso, o fluxo negativo passou a ser de US\$ 329 milhões e não US\$ 529 milhões. Nas mesas de câmbio já se especula sobre o estoque de dólares que os bancos possuem para fazer frente aos fluxos

negativos constantes.

BM&F – Nas duas intervenções no mercado de juros, o BC sinalizou não só um novo patamar mais alto como demonstrou que faria uma estrutura de taxas ascendentes. O reflexo foi imediato sobre os contratos futuros de juros, na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F). O contrato de março de juros futuros (DI - depósitos interbancários), que reflete a formação de uma tendência, aponta uma taxa de 57,71% contra 46,74% na véspera.

A expectativa é que o BC venha a convocar nova reunião extraordinária do Comitê de Política Monetária (Copom), caso seja mantido o ritmo de alta taxa Selic em 1,5 ponto percentual diariamente. Isso porque a TBan – o teto da banda da taxas de juros a serem aplicadas nos recursos tomados pelo mercado – está fixada em 41%. Com a desvalorização do real, haverá, sem dúvida, impacto sobre a inflação, avaliam analistas. Para manter uma taxa de juro real, descontando a inflação, o recurso é o BC elevar o juro nominal, acrescentam.

Mas a escalada dos juros intensificou o receio do mercado financeiro quanto à capacidade de pagamento da dívida interna do governo federal. A preocupação passa a ser a declaração de uma prorrogação compulsória de prazo, já que o esforço fiscal para obter R\$ 28 bilhões foi consumido pelo efeito da desvalorização do real nos títulos cambiais.

Cretinice – “O alongamento compulsório da dívida interna, conhecido como ‘bonex’, foi utilizado pela Argentina para fazer o *currency board*. Aplicar o bonex no Brasil é uma crença, é repetir o Plano Collor. E recorrer à dolarização da economia, como foi feito na Argentina, é nos declarar colônias”, critica o professor Carlos Ivan Simonsen Leal. A seu ver, a pressão sobre o dólar deve durar, pelo menos, até março, período em que vencem bônus no valor de US\$ 3,5 bilhões.

O nervosismo causado pela escassez de dólares no mercado também aumenta com a proximidade do vencimento, amanhã, dos contratos futuros de dólar, na BM&F. Está sendo travada uma queda-de-braço. De um lado estão os *vendidos*, que apostam na queda das cotações do dólar, e na outra ponta, os *comprados*, que apostam na alta. Para derribar o preço do dólar, é preciso ter o caixa recheado da moeda americana para entrar vendendo no mercado à vista, baixando as cotações do dólar. No mercado futuro, os contratos de dólar de fevereiro fecharam a US\$ 1,8551, abaixo da cotação do mercado à vista.

A Bolsa de Valores de São Paulo fechou com pequeno avanço de 0,54%. O volume financeiro, de R\$ 498,17 milhões, ficou 7,99% abaixo do anterior. A bolsa do Rio operou em alta de 1%, com negócios de R\$ 194,22 milhões, reforçados com o vencimento do Recibo da Carteira de Ações.